

Angústias da periferia em tempos de crise

"É pau, é pedra, é o fim do caminho, é um resto de toco, é um povo sozinho". Este trecho da música *Águas de Março*, de Antonio Carlos Jobim, se confunde com as queixas do povo da periferia, como é o caso de Odília Barros Car-

doso: "É fome, é doença, é o esgoto, o mosquito, desemprego, desespero e fome".

Os moradores da periferia são os últimos na escala social, mas os primeiros a receberem o impacto da crise, pois é nesta camada

da população que o desemprego atinge em massa.

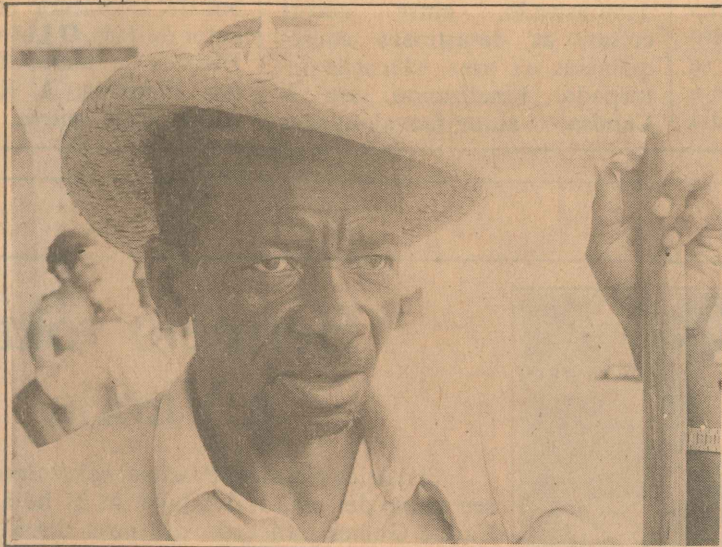
Mas engana-se quem estiver imaginando que os moradores da periferia não sabem o que está acontecendo no País. Sem entender a linguagem sofisticada dos economistas, eles

acompanham tudo atentamente pela televisão, pelo rádio e jornais. Discutem na rua, na igreja, na Associação de Moradores e, aos poucos, estão se organizando.

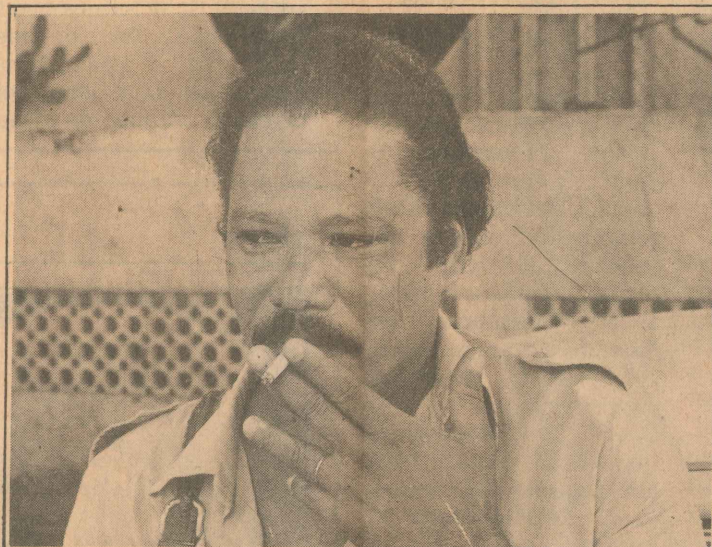
Quem der uma voltinha em Flexal, Porto de Santa-

na, Itacibá e Campo Grande vai ver que as pessoas estão atentas para tudo o que está acontecendo e cada vez mais se conscientizando de que só se organizando em movimentos populares é que vão conseguir resolver seus problemas.

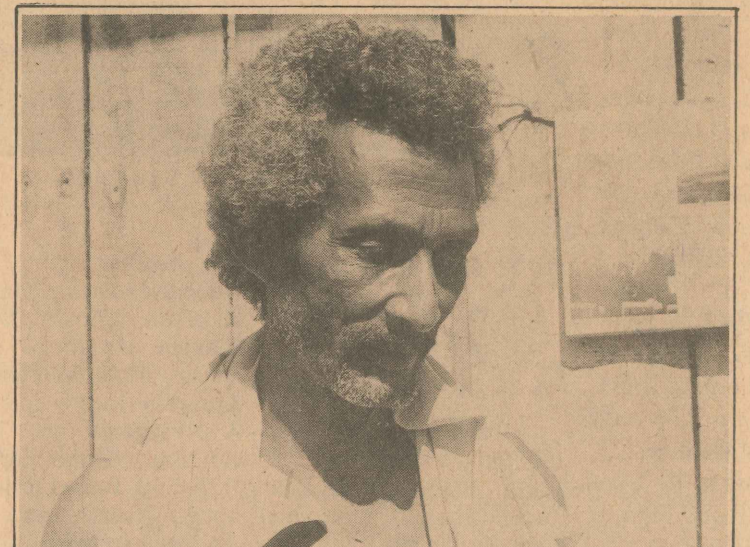
Fotos de Gilde Loyola



Albertino Fernandes: "Eu só posso falar mesmo é da minha vida".



Amado Amantino: "Viu a quantidade de gente que tá na rua vendendo coisas? É o desemprego."



Luiz Antonio Amorim: "A coisa tá piorando".

Glecy Coutinho

Porto de Santana é um dos grandes bairros da periferia de Vitória. Começou a crescer com a erradicação do café e com a implantação dos grandes projetos. Foi se expandindo pelos morros e hoje está ligado a Itacibá e a Flexal, sendo um dos maiores bairros de Cariacica. Os habitantes, em sua maioria, são famílias de baixa renda.

VENDENDO OBJETOS DOMÉSTICOS

Debaixo de uma árvore, constatado a um Volkswagen branco, em frente ao posto médico, está Hermes Machado. Branco, 35 anos,

que eu não conheço. Não sei onde a gente vai parar, não".

Amado Amantino é casado, tem dois filhos e um pequeno comércio no Morro da Aparecida. "Pode olhar aí fora. Essa gente aí é toda desempregada. Eles, coitados, tão cansados e sem dinheiro pra ir procurar emprego. A construção civil tá demitindo demais e a maioria aqui é da construção civil, tudo subindo demais, comida, passagem, e o povo tá desesperado. Sabe, eu estes dias emprestei um dinheirinho a um amigo meu para mudar para o loteamento de Itanhenga. Eu nem espero receber mais porque sei que ele não pode me pagar, mas ele tava tão aflito, disse que lá ele podia ganhar algum dinheiro construindo barracos, eu emprestei o dinheiro e ele foi. Espero que ele se acerte, coitado. 'Ele precisa'".

"Agora, o resto não sei, o povo não pode nem pagar passagem pra ir procurar emprego... a senhora já viu a quantidade de gente que tá na rua vendendo coisa? Suquinho, picolé, rede, bichinho, doce... é a falta de emprego. O povo tá perdido, não tem o que fazer, mesmo".

Luiz Antonio Amorim, 50 anos,

passeando? Não é, não. Tão procurando emprego e não tem. E quando conseguem é cada dia com um salário menor. Sabe, a gente achava que com as eleições ia mudar tudo. O governador que vem aí vinha dizendo **Vamos governar juntos**. Mas pelo que se viu até agora, vai ser tudo o mesmo. Pode ser que eu me engane, mas tá difícil. O povão só foi ouvido pra votar. Escolheram o prefeito. Nada de povão. Escolheram os secretários. Nada de povão. É, não vai mudar nada. Acho que quem tem que mudar isso é a gente".

"Essa conversa de que o Brasil está em crise, o Brasil vai à falência, a situação tá difícil, as empresas usam isso para diminuir o número de operários com a desculpa de não irem à falência", diz João, gráfico, desempregado, 20 anos, que não quis se identificar porque está à procura de trabalho. "De repente, minha cara aparece aí no jornal e isso é difícil. Já tem tantos desempregados. Aí piora a situação".

"A gente olha a televisão, vê o jornal e vê em São Paulo, nos outros estados, o número de desempregados

"Há uns tempos a fêria de fim de semana aqui no bar era de uns Cr\$ 60 mil. Agora baixou para Cr\$ 30 mil. Daqui uns dias vou ter que fechar".

"A situação dos trabalhadores é de mendigá". Odília Barros Cardoso, 49 anos, residente à rua Principal, 409, em Porto de Santana, se lamenta: se não bastasse o desemprego e o custo de vida, ainda vem esse FMI. Tão valorizando a classe rica, tão falando em crise, mas a gente não vê rico nenhum passando necessidade. Só os **pobre** é que tão cada vez mais na miséria. Todo dia que o nosso dinheiro tá desvalorizando a mercadoria do rico tá é aumentando de preço".

São 10 horas da manhã e Odília prepara o almoço. Na mesa da cozinha estão sentados um filho de Odília, desempregado, mais dois rapazes, também desempregados, e uma vizinha. Todos se interessam pelo assunto.

"Se vocês chegarem em qualquer morro desses aí, nem precisa pensar que é festa", diz um dos rapazes. "É gente desempregada mesmo, que nem tem mais condição



Maria Auxiliadora: "Acho que quem tem que mudar isso é a gente".

que o Estado dá colégio. Não é verdade. É tudo particular.

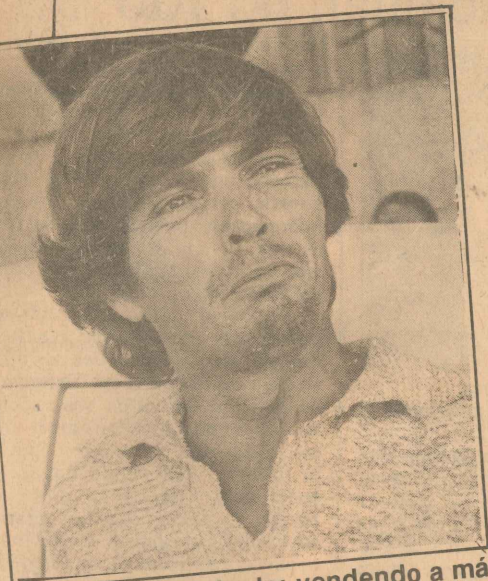
Odília pega um copo, coloca café e senta-se à mesa. "Olha, quem não tem material



sendo um dos maiores bairros de Cariacica. Os habitantes, em sua maioria, são famílias de baixa renda.

VENDENDO OBJETOS DOMÉSTICOS

Debaixo de uma árvore, constatado a um Volkswagen branco, em frente ao posto médico, está Hermes Machado. Branco, 35 anos,



Hermes Machado: vendendo a máquina de costura porque não consegue emprego.

casado, dois filhos, eletricitista desempregado.

"A situação está péssima. Se a senhora der uma volta por aí só vai encontrar desempregado. Olha isso aí (aponta para uma máquina de costura no porta-malas do carro). A gente precisa trabalhar, não acha emprego em lugar nenhum, tem que vender o que tem dentro de casa. Chega uma criança e pede um picolé. Olha aí, este é meu filho. Como é que um pai de família pode ficar desempregado? Minha mulher está aí" (aponta para dentro do Volks onde uma mulher morena, jovem, deitada no banco traseiro, tem o rosto inchado). Ela está cheia de dor de dentes. Não dormiu a noite toda. Estamos até agora esperando o posto abrir. (Alguém informa que são 10 horas). Estamos esperando o dentista chegar. Ela vai arrancar o dente, tratar não se pode. Arrancar é mais barato".

Hermes trabalhava em Tubarão, numa empreiteira. Foi demitido. Está desempregado desde janeiro. "Sou eletricitista, mas sei fazer de tudo. Serviço de pedreiro, marceneiro, não aperto com isso. Mas a situação tá difícil, estão querendo acabar com a gente. Já se mora nessa lonjura e ainda por cima desempregado. Eu conheço por aqui uns 30 desempregados. Imagina os

da destruição civil, tudo subindo demais, comida, passagem, e o povo tá desesperado. Sabe, eu estes dias emprestei um dinheirinho a um amigo meu para mudar para o loteamento de Itanhenga. Eu nem espero receber mais porque sei que ele não pode me pagar, mas ele tava tão aflito, disse que lá ele podia ganhar algum dinheiro construindo barracos, eu emprestei o dinheiro e ele foi. Espero que ele se acerte, coitado. 'Ele precisa'".

"Agora, o resto não sei, o povo não pode nem pagar passagem pra ir procurar emprego... a senhora já viu a quantidade de gente que tá na rua vendendo coisa? Suquinho, picolé, rede, bichinho, doce... é a falta de emprego. O povo tá perdido, não tem o que fazer, mesmo".

Luiz Antonio Amorim, 50 anos, nove filhos, tem um pequeno boteco em Porto Santana e vende o jornal A GAZETA há nove anos. "Tá tudo pela hora da morte. Tem gente que comprava A GAZETA todo o dia e agora só compra no domingo. Outros nem compram mais. Coitados, não têm dinheiro, tão desempregados. Aqui tem muita gente que perdeu o emprego e tá difícil demais de se arranjar outro".

Albertino Fernandes tem 52 anos, mora em Porto Santana, é gari da Prefeitura. "Eu me acabei mesmo foi na lavoura. Trabalhei muito na roça. Depois é que vim pra cá e comecei a trabalhar na Prefeitura. Eu só posso falar mesmo é da minha vida. É não tá fácil. Tenho um filho de 19 anos que sofreu um acidente e tá na Santa Casa paraplético, tadinho. Outro dia fui lá e disseram que ele precisa de um tratamento melhor. Mas o que é que eu posso fazer? Eu sou muito pobre. O que me vale ainda é esse emprego aqui. Tá tudo muito difícil, minha filha. Tudo pela hora da morte".

"Dá um branco na cabeça da gente..." A frase é de Maria Auxiliadora, 29 anos, casada, uma filha, moradora do morro do Matadouro, em Porto Santana.

"É, menina, parece até palavrão esses nomes que o governo inventou aí pra arrochar a gente. Eu senti na pele a situação há uns meses aí. Meu marido desempregou e só arrumava trabalho com salário mais baixo do que ele ganhava antes. E não era pouco, não. Tavam querendo pagar a ele 70% menos do que ele ganhava. Menina, que sufoco. Agora, graças a Deus ele empregou de novo, não com um salário igual ao do outro emprego. Este é mais ou menos. Dá um branco na cabeça da gente... quando a pessoa vê tudo subindo e a gente desempregada, sem saber o que vai acontecer...".

"O que tem de gente desempregada aqui em Porto Santana... Os ônibus tão lotados. Pensa que tão

engate, mas tá difícil. O povo só foi ouvido pra votar. Escolheram o prefeito. Nada de poão. Escolheram os secretários. Nada de povão. É, não vai mudar nada. Acho que quem tem que mudar isso é a gente".

"Essa conversa de que o Brasil está em crise, o Brasil vai à falência, a situação tá difícil, as empresas usam isso para diminuir o número de operários com a desculpa de não irem à falência", diz João, gráfico, desempregado, 20 anos, que não quis se identificar porque está à procura de trabalho. "De repente, minha cara aparece aí no jornal e isso dificulta. Já tem tantos desempregados. Aí piora a situação".

"A gente olha a televisão, vê o jornal e vê em São Paulo, nos outros estados, o número de desempregados é enorme e empresas dispensando mais ainda. Aqui, pode dar uma volta: o primeiro que encontrar, pode perguntar, é um desempregado. E tem mais, as empresas ainda jogam a culpa no trabalhador, dizendo que a gente não quer receber pouco salário".

"A fêria, que era de Cr\$ 60 mil, foi pra Cr\$ 30 mil".

Wantuil Rocha Pinto, proprietário de um bar em Porto Santana, diz que "cada dia que passa a coisa tá mais feia. Olha, a quantidade de desempregado que tem aqui faz dó. Tá vendo aquele pessoal ali? (aponta para uns homens de baixo de uma árvore). Tudo desempregado. A mendicância aqui aumentou que só vendo. É toda hora um pedindo um prato de comida, um pão, tudo que tiver. A gente dá, sabe, mas não dá pra todo mundo, se não vai acabar pedindo também".



Odília Barros Cardoso: "A situação do trabalhador tá de mendigá. Salário baixo, desemprego, custo de vida e ainda esse FMI...".

tana, se lamenta: se não bastasse o desemprego e o custo de vida, ainda vem esse FMI. Tão valorizando a classe rica, tão falando em crise, mas a gente não vê rico nenhum passando necessidade. Só os pobre é que tão cada vez mais na miséria. Todo dia que o nosso dinheiro tá desvalorizando a mercadoria do rico tá é aumentando de preço".

São 10 horas da manhã e Odília prepara o almoço. Na mesa da cozinha estão sentados um filho de Odília, desempregado, mais dois rapazes, também desempregados, e uma vizinha. Todos se interessam pelo assunto.

"Se vocês chegarem em qualquer morro desses aí, nem precisa pensar que é festa", diz um dos rapazes. "É gente desempregada mesmo, que nem tem mais condição de ir à cidade procurar emprego".

Para eles, é o desemprego que está provocando o aumento do número de assaltos. "Quem não tem coragem de pedir, vai assaltar", diz o rapaz. "Aí, assalta, vai preso, apanha, sai, vai assaltar de novo. É assim".

Odília continua fazendo seu almoço e diz que a crise está aí, mas as empresas não estão em situação ruim. "O povo é quem está passando necessidades. Cobram um absurdo de passagem, se juntam com o poder que manda na gente e a passagem do ônibus só vai subindo. E a gente que paga, ninguém pergunta a opinião". Segundo ela, é a população que tem que esperar durante todo o dia pelos ônibus, que "não respeitam os horários e só passam quando querem".

— Olha, a empresa aqui de Porto de Santana diz que há 30 anos tá caminhando com o Brasil. Com o Brasil pode ser, mas com o povo brasileiro não. E sabe o que mais? "O povo tá abandonado de todo. É fome, é doença, é o esgoto, os mosquitos, é o lixo, é a lama... A gente tá tão jogado fora... é o desespero do desemprego, da passagem e da fome, fossa aberta, monte de lixo, assalto... Companheiro tirando dinheiro de outro companheiro. Olha, a gente tá revoltada.

Odília lava os copos de geléia e serve um café. "O verdadeiro assalto aqui é a escola. Teve uma reunião lá, de gente que nunca apareceu em movimento comunitário, nem de bairro, nem de dona-de-casa, nada, mas por causa do assalto que tá o colégio eles apareceram. É uma covardia o que as escolas do governo tão fazendo com o povo! Diz que escola é de graça para o povo? Mentira! Tão cobrando, e muito caro. Tão fazendo propaganda dizendo que a Prefeitura dá colégio,

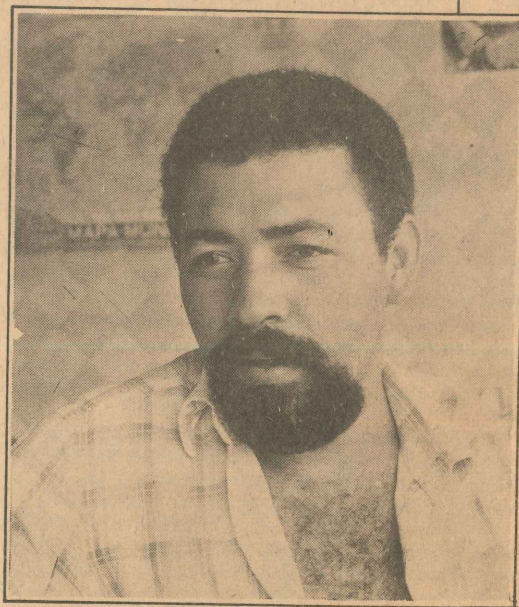


Maria Auxiliadora: "Acho que quem tem que mudar isso é a gente".

que o Estado dá colégio. Não é verdade. É tudo particular.

Odília pega um copo, coloca café e senta-se à mesa. "Olha, quem não tem material volta pra casa, quem não tem uniforme volta pra casa, não tem dinheiro para pagar a caixa escolar, volta pra casa. Outro dia o professor não aparece. E quando essas pobrezinhas dessas crianças que vivem passando fome dão uma sorte de estar com tudo em dia e encontrar o professor, ele dá uma prova. Aí chega no fim do ano, essas coitadinhas ficam reprovadas. Não é revoltante?"

Segundo Odília, os pais de Porto de Santana estão se reunindo para ver se mudam a situação. "As matrículas custam Cr\$ 400, xerox dos documentos, que só pode ser tirada no colégio, Cr\$ 180, camisa, que não pode ser comprada em outro lugar, Cr\$ 1.500. Segundo Odília, mais de cem pais de alunos se reuniram e estão tirando uma comissão que vai tentar resolver isso na Prefeitura e e na Secretaria de Educação. Eu não sei não, viu? — O Povo tá tão desesperado que eu não sei, não".



Wantuil Rocha Pinto: "Não dá pra viver, não".